

# Representações sociais: avanços teóricos e epistemológicos

Pedrinho A. Guareschi

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

## Resumo

Em dois momentos interligados são discutidos alguns aspectos da Teoria das Representações Sociais. Em um primeiro momento é mostrada a especificidade e a abrangência do conceito de Representações Sociais. É indicado o lugar específico que ele ocupa como superação de diversas dicotomias que atormentam as ciências sociais, tais como: individual-social, interno-externo, material-representacional, consensual-reificado, processo-estrutura, saber teórico-saber prático, sujeito puro-objeto puro. Em um segundo momento é apresentado um referencial metodológico que pode orientar os pesquisadores na busca das diferentes dimensões que uma representação social pode carregar consigo.

Palavras-chave: representações sociais, teoria social, metodologia qualitativa.

## Social representations: theoretical and epistemological developments

## Abstract

Some aspects of the Social Representations Theory are discussed in two related moments. First, the specificity and the amplitude of the concept of Social Representation is presented. Its specific role is indicated in overcoming many dichotomies that cause trouble to social sciences, such as: individual-social, internal-external, material-representational, consensual-reified, process-structure, theoretical-practical knowledge, pure subject-pure object. Second, a methodological framework is presented that can lead researchers in the search for different dimensions that a social representation may carry along.

Key words: social representations, social theory, qualitative methodology.

## Introdução

Uma das questões mais interessantes que tenho lido sobre Representações Sociais (RS) é o depoimento dado por Irwin Deutscher, no prefácio do livro *Social Representations*, de Farr e Moscovici (1984: xiii-xiv), quando ele afirma

“fui levado a descobrir o Durkheim que nos lembrou em seu livro *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, que ‘seguramente, o soldado que cai, ao defender sua bandeira, não acredita que ele se sacrifica por um pedaço de

pano’... Brota aqui, em Durkheim, a centralidade do símbolo compartilhado para tudo o que se refere à vida social. Os símbolos existem por algo mais que seus conteúdos objetivos; eles são mais que um ‘pedaço de pano’. É esta idéia de representações sociais...” (pp. xiii-xiv).

Realmente, é no mínimo complexo o “*status*” de realidade, isto é, ontológico, de uma representação social. Elas “são”, de fato, mas elas não podem ser tocadas. Elas existem, mas não se deixam ver. Elas possuem determinada concretude, mas não podem

ser delimitadas, medidas, desenhadas. Elas aparecem sem ser vistas; influenciam, sem que as identifiquemos claramente.

Meu interesse é discutir alguns aspectos dessas representações, mas a partir de um quadro referencial metodológico, no qual possamos visualizar a amplitude e a abrangência que uma representação social poderá carregar consigo. Ao vislumbrarmos o quadro metodológico, poderemos ter também uma idéia da complexidade de uma representação social. Ao mesmo tempo, nos lembra a humildade que devemos ter ao tratarmos ou pesquisarmos uma possível representação social.

Antes, porém, gostaria de fazer algumas considerações gerais sobre a noção das representações sociais.

Essa discussão se encaminha, pois, em dois passos:

1. Alguns aspectos gerais.
2. Referencial metodológico para a pesquisa em representações sociais.

### Alguns aspectos gerais

Já fazem alguns anos que trabalho e pesquisa tendo como referencial a teoria das representações sociais. Além de várias teses de mestrado que já empregaram esse instrumental, desenvolvo um projeto de pesquisa tendo as representações sociais (e a ideologia) como fundamentos teóricos. Devo confessar que me sinto tranqüilo, apesar dos muitos questionamentos com que vou me deparando pelo caminho, em conversas e discussões com colegas da área. Percebo como se apresentam inúmeras implicações à medida em que se vai caminhando. Continuo atento a todos os pólos de onde partem questionamentos, críticas, avaliações e sugestões a respeito das representações sociais. Nos cursos de história, comunicação, serviço social, sociologia, além da psicologia social, são muitos os mestrandos e doutorandos que passam a fazer uso dessa teoria em suas dissertações e teses.

A Psicologia Social, desde sua curta existência, vive certa angústia, um tanto esquizofrênica, talvez pelo fato de incorporar, em seu próprio nome, duas vertentes

aparentemente antagônicas: o psicológico, de um lado, entendido, na maioria das vezes, como algo individual; e o social, por outro lado, entendido como algo diferente ou até oposto do individual. Robert Farr (1999), em sua história das raízes da psicologia social, mostra como essa síntese foi difícil de construir e como a psicologia social, principalmente nos Estados Unidos da América, tomou um viés profundamente individualista, além de passar a ser fundamentalmente experimental. Por outro lado, houve tentativas de socializar de tal modo o individual, que ele praticamente se reificou, suprimindo as subjetividades e cristalizando-se em fenômenos como classe, cultura, mito ou religião.

Meu entendimento das Representações Sociais é que essa teoria tenta, e até certo ponto dá conta, de superar diversas dicotomias que se formaram no decorrer da história da Psicologia Social.

Uma primeira, e central, é a própria dicotomia estabelecida entre o *individual* e o *social*. Uma representação social, como definida e entendida por essa teoria, possui uma dimensão individual na medida em que ela necessita ancorar-se em sujeitos para que possa ser entendida como existente: mas ela é, igualmente, social, pois existe “na mente e na mídia”, como diria Moscovici (1984). Ela está na cabeça das pessoas, mas não é a representação de uma única pessoa; para ser social ela necessita “perpassar” pela sociedade, existir em certo nível de generalização. Uma representação social distingue-se, pois, de uma simples representação mental que, segundo alguns cognitivistas, pode ser singular (os que afirmam que é impossível pensar sem palavras, e as palavras constituem a linguagem que é sempre social, certamente não aceitariam tal afirmação). A Psicologia Cognitiva estuda as representações mentais, mas não pergunta, ou não se interessa imediatamente pelo fato de elas serem, ou não, sociais e de se constituírem em um fenômeno social. O conceito de representação social coloca-se, então, no centro do eixo individual-social, ligando os dois extremos e tentando dar conta dessa possível dicotomia.

Uma segunda dicotomia é a que muitas vezes se estabelece entre o *interno* e o *externo*. Na história da psicologia social vemos como o comportamentalismo, por exemplo, recusou-se a transpor a “barreira da pele” (Farr, 1999), não aceitando qualquer realidade que

fosse mental ou introspectiva. Por outro lado, certas teorias permaneceram exclusivamente na análise do cognitivo, deixando de perguntar pelo que transpõe a cognição das pessoas. Uma representação social fecha também esse vazio, pois ela é, ao mesmo tempo, interna, isto é, existente nas mentes das pessoas, sem deixar de ser também externa, prolongando-se para além das dimensões intrapsíquicas e concretizando-se em fenômenos sociais possíveis de serem identificados e mapeados.

A questão a seguir, até certo ponto ligada à anterior, tem a ver com a superação da dicotomia entre o aspecto *material e sua representação*. Uma representação social, para ser objeto de conhecimento, passa por um processo transformativo, pois não é possível a interiorização de um objeto em seu estado material na mente das pessoas. Os humanos procedem através de representações. Mas é fundamental pensar como se dá esse processo de representação. Ele não é simplesmente um reflexo automático, um resultado especular da coisa representada. Dizer que uma representação social é uma “imagem” pode levar ao equívoco de pensar que ela é uma espécie de fotografia absolutamente idêntica ao seu original. A realidade é um pouco diversa. No processo de representação, há uma construção diferenciada dos objetos, que diferem de pessoa a pessoa. Cada um de nós, no processo de representar, acrescenta facetas particulares, específicas de cada autor (Jovchelovitch, 1996). Essa discussão vem responder a várias objeções que diferentes autores fazem à teoria das Representações Sociais, acusando-a de esquecer os processos dinâmicos que existem na construção das representações. Assim como as representações vão sendo transformadas, elas também, em sua construção, sofrem influências provindas dos diversos sujeitos.

Outro aspecto que poderia ser discutido aqui é a maneira como é tratada a dicotomia entre o *consensual e o reificado*. É uma discussão entre os aspectos estático e dinâmico do conceito de representação social, discussão essa que remonta às diferenças entre os seguidores de Durkheim e os discursivistas. Trago aqui essa questão pois o próprio Moscovici (1984), em suas discussões, afirma claramente que as representações sociais situam-se no universo consensual das pessoas, não aceitando que haja nelas algo de reificado. Chega

mesmo a dizer que a diferença entre a representação social e a ideologia está exatamente nesse aspecto: ideologia, como entendida por Moscovici (1984), é algo que se cristalizou, um conjunto de idéias destorcidas sim, mas estáticas, monolíticas e dificilmente modificáveis. Ao passo que as representações sociais são modificáveis e podem ser transformadas nos processos cotidianos das pessoas. Isso não significa, contudo, que as representações sejam realidades absolutamente flutuantes, que não possuam nenhum aspecto duradouro e mais menos permanente.

O fato de as RS não pressuporem um universo estático, não significa que elas não tenham certo grau de consensualidade. A teoria tenta conceituar tanto o poder da realidade social e a ação dos sujeitos sociais. Há sempre um nível de realidade compartilhada, dentro de uma sociedade, que permite o conhecimento e o reconhecimento, a fim de que possa existir uma fala possível de ser falada e para que o debate e a argumentação possam acontecer. Esse nível de partilha não significa um acordo geral, ou a obrigatoriedade de aceitar uma única opinião em todos os eventos cotidianos. Significa que, mesmo que haja desacordo, os sujeitos sociais ainda podem saber do *que* estão falando, a *que* ou a *quem* estão se referindo. O conhecimento tácito fornece uma base comum sobre a qual as pessoas discutem, competem e argumentam. Isso é possível pela garantia básica existente na vida social. Essa garantia básica é construída principalmente pela linguagem, imagens e práticas ritualísticas. As RS são, pois, realidades “sociais” e culturais, e não apenas meras produções simbólicas de indivíduos isolados. Elas são um “ambiente”, como diria Moscovici (Farr e Moscovici: 1984). É isso que Fraser (1994) não consegue perceber. As RS existem tanto na cultura, como na mente das pessoas. Elas não poderiam existir sem serem coletivamente percebidas e sentidas. Elas expressam e estruturam tanto a identidade, como as condições sociais dos atores que as reproduzem e as transformam.

Vale ainda lembrar como o conceito de RS relaciona *processos e estruturas*. As estruturas são entendidas aqui, dentro da concepção piagetiana, como totalidades orgânicas e não apenas meros

agregados. As estruturas não são entidades estáticas, mas evoluem continuamente. São totalidades abertas nas quais existe uma interação constante, uma contínua prática comunicativa. Como bem diz Jovchelovitch (1997; Mimeo),

“contra a dicotomia entre processos e estruturas que tantas vezes caracterizou o debate em psicologia social, uma compreensão correta das representações sociais implica o reconhecimento da relação inseparável entre processos e estrutura” (p. 4).

Uma questão que, à primeira vista, parece um tanto complexa e é, certamente, polêmica, mas que merece ser apontada, ao menos para ser aprofundada, é a que se poderia chamar de relação entre *saberes cognitivos* ou *intelectivos* e *saberes práticos*. Poder-se-ia falar aqui de uma possível dicotomia? E como se colocam a RS diante disso? A maioria dos teóricos são rápidos em afirmar que as RS são saberes práticos, populares. Moscovici (1969), em seu prefácio ao livro de Herzlich, afirma que

“uma representação social compreende um sistema de valores, de noções e de *práticas sociais* relativas a objetos sociais...” (grifo meu).

O que implicaria dizer que uma RS é uma prática? Paulo Freire (1977; Mimeo) em muitos de seus escritos, mas principalmente em seu texto “*Palavração*”, tenta mostrar como há uma relação muito íntima entre a prática e o conhecimento, e que “só se conhece na medida em que se pratica”. Santos (1996) nos previne que anterior a uma *episteme* existe uma prática, e que se exterminam as práticas para se exterminar *epistemes*, ou maneiras de se conhecer. Diz ele:

“Há muitas formas de conhecimento, tantas quantas as práticas sociais que as geram e as sustentam. A ciência moderna é sustentada por uma prática de divisão técnica profissional e social do trabalho, e pelo desenvolvimento tecnológico infinito das forças produtivas de que o capitalismo é

hoje único exemplar. Práticas sociais alternativas gerarão formas de conhecimento alternativas. ... O genocídio que pontuou tantas vezes a expansão européia foi também um epistemicídio: eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranho e eliminaram-se formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por *práticas sociais* e povos estranhos. Mas o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam constituir uma ameaça à expansão capitalista ou, durante boa parte de nosso século, à expansão comunista (neste domínio tão moderna quanto a capitalista); e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra-europeu e extra-norte-americano do sistema mundial, como no espaço central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais)” (grifo meu) (Santos, 1996; p. 328).

A questão que gostaria de colocar aqui é a de que as RS, como práticas populares, poderiam passar a ocupar mais espaço nas investigações e poderiam desse modo ajudar a refletir e a levar a uma possível superação de situações que revelem e impliquem assimetrias, ou mesmo injustiças. Na medida em que as RS são práticas populares, poder-se-ia levar adiante a hipótese de que elas muito provavelmente poderiam colaborar, tanto na identificação, como na criação e consolidação dessas novas *epistemes*, frutos de práticas diferentes e alternativas. Essa é certamente uma questão complexa, mas pode-se entrever aqui alguma luz tanto para a superação da dicotomia teoria/prática, como para o resgate de novas modalidades de saber.

Finalmente, pode-se dizer que as representações sociais superam o mito do *sujeito puro* e do *objeto puro*. As RS são um conceito e um fenômeno que pertencem ao intersubjetivo. Elas representam não só o objeto,

mas também o sujeito que representa tais representações.

Diante das considerações acima, pretendo apresentar aqui um referencial metodológico, com o objetivo de chamar a atenção dos pesquisadores para a amplitude e principalmente para a complexidade de uma representação social. Esse quadro é criação de um grupo de pesquisadores de Londres, que trabalham no Departamento de Psicologia Social da London School of Economics and Political Science e que o vêm testando há vários anos (Bauer e Jovchelovitch, 1999). Introduzi apenas uma pequena modificação e fiz comentários que podem ajudar na sua aplicação.

### Um referencial metodológico para pesquisa em representações sociais

Tendo visto alguns aspectos gerais, na tentativa de poder circunscrever e mostrar o que seja uma “representação social”, apresento a seguir um instrumental metodológico, uma espécie de quadro referencial que, a partir de minha experiência, se mostrou muito útil para nos darmos conta das muitas dimensões que podem e, na medida do possível, devem ser levadas em consideração, ao pesquisarmos um fenômeno que julgamos poder ser uma representação social. Esse quadro referencial foi, inicialmente, apresentado por Bauer e Jovchelovitch (1999) em um Curso de Extensão realizado na Pós-Graduação de Psicologia da PUCRS. Esse quadro foi em parte ampliado por discussões que foram realizadas posteriormente. Tal quadro se apresenta da seguinte maneira:

Meios (medium) Modos (mode)	Gestos, rituais, movimentos etc.	Texto	Imagem	Som
Hábitos, costumes				
Cognições individuais				
Comunicação informal				
Comunicação formal				

Fonte: Bauer e Jovchelovitch, 1999:20 (com algumas modificações).

**Quadro 1.** Modos e meios das representações.

As representações sociais se apresentam, pois, através de diferentes “modos” e diferentes “meios”. Mas que é um modo e que é um meio?

À primeira vista, a distinção parece ser difícil, ou até mesmo não existir, principalmente na língua portuguesa, na qual temos vários termos usados intercambiavelmente, como modo, maneira, meio etc. Mas com algum cuidado é possível discernir e distinguir entre duas realidades: o *modo* tem a ver com a forma, o modelo, o formato, o método, a maneira como uma representação se apresenta. Esses modelos seriam os hábitos ou costumes, as cognições individuais, a comunicação informal e a comunicação formal. Já o *meio* seria o canal, o veículo através do qual essa representação seria levada aos ouvintes, telespectadores, leitores, freqüentadores de teatro, cinema etc. Esses meios seriam os textos (escritos), as imagens (fotos) e sons (músicas). Bauer e Jovchelovitch (1999) mencionam esses três meios. Creio que se poderia acrescentar um quarto, que seria um meio baseado no movimento, na gesticulação (gestos), como se vê nas danças, nas romarias e nos rituais.

Assim, por exemplo um hábito, um costume, parece ser sempre melhor veiculados e poderia ser melhor investigado, nos rituais, celebrações, danças, até mesmo em imagens (não sei se talvez através de sons...). Já uma cognição individual é muito bem expressa através de um texto escrito. Representações sociais presentes na comunicação informal, isto é, nas conversas, nos bate-papos, em telefonemas, em discussões feitas em bares, em ônibus etc. podem ser veiculadas por muitos meios, através de muitos canais, como o rádio, o teatro, o cinema, em livros, nas histórias em quadrinhos, nas festas populares, com músicas, danças etc. A comunicação formal, como jornais, revistas, documentos etc., por sua vez, é um receptáculo privilegiado de representações sociais que podem ser buscadas, até mesmo em épocas anteriores, mas que ficaram documentadas na mídia escrita. Evidentemente, o melhor meio para essa comunicação formal são os textos escritos. Não só, pois nos textos também podemos descobrir imagens, figuras etc. E ultimamente pode-se dizer que também começam a ser comunicação formal

documentários em vídeo, hipertextos enviados através de comunicação eletrônica etc.

Mas há ainda um sem número de comentários que podem ser feitos a partir de tal quadro.

Uma consideração importante, que está ligada ao objetivo central desse trabalho, é a de que ao nos aproximarmos de um fenômeno que, seja ele considerado por estudiosos e pesquisadores como uma representação social, ou seja ele um fenômeno que desejamos tratá-lo ou pesquisá-lo como sendo possivelmente uma representação social, podemos, com proveito e eficácia, fazer sobre ele a seguinte pergunta: de que *modo*, ou em que *modelo* comunicacional essa representação está configurada? E depois: Por que *meio*, *veículo* comunicacional essa representação é trazida até nós?

Poderemos, penso eu, dar-nos conta, deste modo, da importância e da necessidade de enfrentarmos e lidarmos com tal representação através de muitos modos e de muitos meios. A análise, como diz Bauer e Jovchelovitch (1999), necessita de multi-meios e multi-modos. Uma representação pode se apresentar nos usos e costumes, como também pode estar presente nas conversações das pessoas; ela pode ser recolhida em textos da mídia impressa (jornais, revistas etc.), como pode estar presente nas imagens de cenas televisivas (novelas, filmes), ou mesmo em danças, passeatas e marchas (romarias) de manifestações populares. E, é claro, ela pode ser buscada nas mentes das pessoas, em suas opiniões, atitudes, crenças, símbolos.

Olhando para a tabela e vendo os espaços que não estão contemplados por nossa investigação, podemos facilmente identificar as lacunas existentes e até mesmo os espaços não contemplados por nossa tradição de pesquisa em representações sociais. Isso nos ajuda a ampliar os horizontes de nossas investigações. Para cada cruzamento entre modos e meios, poder-se-ia levantar perguntas, apresentar hipóteses de trabalho. Algumas serão facilmente viáveis. Outras, certamente, exigiriam muito trabalho ou talvez nem fossem possíveis. Mas o quadro é sempre um desafio à criatividade dos pesquisadores e pesquisadoras.

Veja-se, por exemplo, a questão dos sons. Apesar de pouco conhecida, há muita literatura sobre diversos tipos de música (russa, alemã, brasileira)

que pode servir como representação de uma nação. A música se torna, assim, uma forma representacional que ajuda a construir um cenário, evocar sentidos, recordar imagens. Diz-se que Carlos Gomes, em Milão, andava aflito ao preparar sua grande obra *O Guarani*, pois dificilmente conseguiria fazer os italianos compreenderem a exuberância e a pujança da flora brasileira, que ele conseguia ver em suas músicas, mas que os italianos não compreendiam ao montar o cenário. Apesar de não existir ainda nenhum estudo sobre representações sociais que tenha utilizado o som como pesquisa, há algumas iniciativas que conduzem para lá. Contam Bauer e Jovchelovitch (1999) que um dos exercícios feitos no curso de metodologia é pedir para os alunos construírem um diário que se chama *soundscape* (paisagem sonora), assim como se constróem *landscapes*, que são cenários feitos através do que se vê de imagens. *Soundscape* seria um cenário de sons. Os alunos acordam e fazem um diário anotando tudo o que escutam. Se pararmos em determinado lugar e nos concentrarmos, prestando atenção ao que está ao nosso redor, iremos imediatamente ter uma idéia de onde nós estamos, se em um espaço urbano ou rural, por exemplo, a partir dos sons que ouvimos: passarinhos cantando, por um lado, ou carros buzinando, por outro lado e assim por diante.

Um dos cruzamentos mais fecundos, creio eu, para investigar uma representação é o que se dá entre o modo “hábitos, costumes” e o meio “movimentos, gestos, rituais”. Um dos melhores exemplos de trabalhos realizados a partir de tal cruzamento é o Denise Jodelet (1991) em sua investigação sobre a representação social da loucura junto a moradores de uma comunidade do interior da França. Ela pesquisou como esses moradores tratavam os inquilinos, que tinham sido ali colocados, após o movimento anti-manicomial ter fechado os manicômios. Ela mostrou como a representação social da loucura se manifestava através da separação das águas, da separação dos corpos, da separação das roupas, da separação e da delimitação precisa dos espaços geográficos. Para os doentes mentais havia um lugar especial na igreja; os outros ocupavam os demais lugares. Dentro das casas, as louças, os talheres, os copos, a lavagem de roupas era toda feita

em águas diferentes, em ambientes diferentes. A contaminação dos corpos era punida com exílio pela comunidade. O único caso, a única história de amor que floresceu entre um habitante da comunidade e um paciente foi condenada com expulsão do casal, porque aquela relação, carregaria consigo, o simbolismo mais profundo da troca de fluidos corporais, tanto através da saliva, como do sêmen e assim por diante. Era algo que a comunidade não podia suportar. Essa observação que ela fez das práticas e da forma como o campo representacional guiava o esquema de ação, é que lhe deu a chave da representação social por ela encontrada naquele local.

Investigações como essa são muito importantes quando se está querendo fazer um trabalho com comunidades. É fundamental prestar atenção ao que as pessoas fazem, como se comportam, quais seus hábitos e costumes; muitas vezes isso é muito mais importante e até mesmo contraditório, do que aquilo que eles nos dizem. A prática revela, verdadeiramente, a representação social dessas populações. Um olhar atento aos usos e costumes vai revelar as crenças, as cosmovisões, os símbolos, os valores que orientam essas pessoas. As representações sociais são saberes práticos e como tais, devem ser buscadas também nas práticas cotidianas dos diversos grupos sociais. É importante ver o que estão fazendo e não apenas o que nos estão dizendo. Porque essa relação entre a fala e a ação, é fundamental para entender o campo representacional.

Assim, uma representação como a da loucura, pode e deve ser buscada nas práticas da vida cotidiana, como também nas cognições individuais, nos saberes populares partilhados; pode e deve ser buscada nas conversações informais, nas piadas, nas histórias contadas na comunidade; ela pode estar estampada na mídia formal, como jornais, revistas, histórias em quadrinhos, novelas de televisão, shows artísticos; e pode ser vista também nas pinturas feitas em murais ou em exposições de arte.

Creio que o mais importante é, sempre que formos trabalhar com representações sociais, nos colocarmos diante do quadro acima e perguntarmos onde mais poderíamos traçar um "x", isto é, onde poderíamos buscar mais informações nos entrecruzamentos

entre meios e modos. Normalmente, nossas informações param nos textos escritos (transcrições de entrevistas, grupos focais, narrativas etc.). Mas não poderíamos avançar mais? Como é importante hoje, por exemplo, trabalhar também com televisão, cuja imagem se transforma em uma outra dimensão para a análise de conteúdo; ela entra como texto, mas ela entra também como imagem e imagem em movimento. Ao trabalhar com crianças podemos analisar a forma como estas constroem imagens sobre a família. É uma produção espontânea da imaginação infantil sobre a família, que obviamente contém um enorme saber do cotidiano que vai revelar sua cognição.

Não gostaria de terminar sem partilhar um duplo sentimento que sempre me invade ao meditar sobre o quadro metodológico acima. De um lado, o que me provoca é a constatação da profunda complexidade das representações sociais; elas possuem uma amplitude ingente, extremamente intrincada e detalhada. De outro lado, vejo o quanto de cuidado e de humildade, devemos ter, ao arriscarmos um mergulho na compreensão dessas representações. Todo fenômeno é sempre inacabado, imensurável, diria mesmo misterioso. Mistério não é algo que não se entenda: é algo do qual não se entende *tudo*. Olhando o quadro acima percebemos as muitas lacunas que ainda permanecem inexploradas, por mais empenho e cuidado na investigação do fenômeno.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bauer, M. e Jovchelovitch, S. (1999). *A questão da metodologia em pesquisa - Texto, imagem e materiais sonoros*. Pós-Graduação em Psicologia. Porto Alegre: PUCRS (Transcrição do Curso), 101 pp.
- Farr, R. (1999). *As raízes da psicologia social moderna*. Petrópolis: Vozes.
- Farr, R. M. e Moscovici, S. (orgs.) (1984). *Social representations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Fraser, C. (1994). Attitudes, social representations and widespread beliefs. *Papers on Social Representations*, 3 (1), 13-25.

Jodelet, D. (1991). *Madness and social representations*. Harvester Wheatshead: Hemel Hempstead.

Jovchelovitch, S. (1996). Espaços de mediação: Vida pública e gênese das representações sociais. *Psico*. Porto Alegre, 27: 193-205.

Moscovici, S. (1969). Préface. Em C.Herzlich, *Santé et maladie* (pp.I-VII). Hague, Mouton.

Moscovici, S. (1984). The phenomenon of social representations. Em R. M. Farr e S. Moscovici (orgs.),

*Social representations* (pp.3-69). Cambridge: Cambridge University Press.

Santos, B.S. (1996). *Pela mão de Alice – O social e o político na pós-modernidade* (2ª ed.). São Paulo: Cortez.

Recebido em: 25/06/01

Aceito em: 30/04/02